

A ARTE DE SULEAR-SE¹

Marcio D'Olive Campos

IFGW e ALDEBARÃ: Observatório a Olho Nu, UNICAMP. Campinas, SP.

A História Universal e a Geografia, como são compreendidas pela nossa Sociedade Ocidental de tradição científica, demarcam certos espaços e tempos, períodos e épocas, a partir de referenciais internalistas e mesmo ideológicos, muito a gosto dos países centrais do Planeta.

Muitos são os exemplos desse estado de coisas que imprime um caráter apenas informativo e livresco à Educação nos países periféricos, ou seja, do terceiro mundo.

No material didático encontramos nos globos terrestres, a Terra representada como o polo norte para cima. Os mapas, da mesma forma respeitam, através das legendas, essa convenção apropriada para o hemisfério norte e são apresentados num plano vertical (parede) em lugar do plano horizontal (chão ou mesa). Com isso encontram-se pessoas dizendo no Rio que vão subir para Recife e quem sabe não podem estar pensando que existe um norte em cada pico de montanha já que "norte fica em cima".

Nas questões de orientação espacial, sobretudo com relação aos pontos cardeais, também os problemas são graves. As regras práticas ensinadas aqui são práticas apenas para quem se situa no hemisfério norte e a partir de lá se NORTEia.

A imposição dessas convenções em nosso hemisfério, estabelece confusões entre os conceitos de em cima/embaixo, de norte/sul e especialmente de principal/secundário e superior/inferior.

Em qualquer referencial local de observação, o Sol nascente do lado do oriente permite a ORIENTação. No hemisfério norte, a Estrela Polar, Polaris, permite o NORTEamento. No hemisfério sul, o Cruzeiro do Sul permite o "SULEamento".

Apesar disto, em nossas escolas, continua a ser ensinada a regra prática do norte, ou seja, com a mão direita para o lado do nascente (leste), tem-se a esquerda o oeste, na frente o norte e atrás o sul, com essa pseudo-regra-prática dispomos de um esquema corporal que, à noite, nos deixa de costas para o Cruzeiro do Sul, a constelação fundamental para o ato de "SULear-se". Não seria melhor usarmos a mão esquerda apontada para o lado do oriente?

Com relação à História, é interessante notar como a caracterização de períodos históricos e pré-históricos se define a partir do ponto de vista do colonizador nos países centrais.

Por que a pré-história brasileira se define pelo período anterior à DES-COBERTA?

Vale lembrar aqui a pergunta do poeta José Paulo Paes:

"Quando o Brasil foi descoberto, será que ele sentiu frio?"

Como ironia metafórica de alerta: Com o polo norte para cima, o conhecimento "escorre" e nós o engolimos sem conferir com o contexto local.

I. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

De um ponto de vista pedagógico no seu sentido mais amplo, qualquer atividade em educação ambiental, para ser coerente, deve se pautar pela perspectiva da transdisciplinariedade. Esta vai muito além da multidisciplinariedade e mesmo da interdisciplinariedade.

Adotamos aqui a idéia de que, para se reconhecer ou levantar questões no ambiente em que vivemos, devemos atuar primeiro ao nível vivencial da construção do conhecimento, exercitando constantemente o trinômio percepção/observação/participação.

Numa segunda etapa em direção à sistematização dessa construção do conhecimento, "recortamos" o espaço vivencial em que nos situamos para estudá-lo pelo viés de uma ou mais "ferramentas especializadas" que em geral se constituem nas disciplinas e/ou em instrumentos de

¹ Os dois textos que se seguem já foram publicados em:

D'OLNE CAMPOS, Marcio; "A Arte de Sulear-se" in Interação Museu-Comunidade pela Educação Ambiental, Manual de apoio a Curso de Extensão Universitária, Teresa Cristina Scheiner (coord.), pp 59-61, 79-84, TACNET Cultural UNI-RIO, Rio de Janeiro, 1991.

Agradecemos a TACNET Cultural e a UNI-RIO pela concessão dessa republicação.

laboratório. Estabelece-se assim algo como uma situação controlável de experimentação. Nessa etapa, e dentro do nosso referencial de percepção/observação/participação, muitas variáveis são descartadas e apenas algumas são consideradas pertinentes ao problema em questão.

Em geral, a dificuldade aqui é que muitas vezes nos concentramos nesse recorte, e perdemos as noções de relação e de interação, fundamentais para a consideração de questões ambientais. Muitas vezes mesmo, os processos pedagógicos mais tradicionais começam no recorte e nele permanecem "para se desincumbir do cumprimento (ou mesmo do comprimento) do conteúdo programático".

O fundamental é que sempre se tenha como referencial o plano vivencial e a ele se retorne sempre, após e mesmo durante o recorte, para reconsiderar dialéticamente o problema em questão no seu contexto vivencial ou ambiental. Nele pode-se perceber que variáveis antes descartadas passam a se tornar pertinentes.

Nesse sentido, a transdisciplinariedade só se realiza quando, ao levantarmos uma questão sobre meio em que nos inserimos, a consideramos inicialmente numa transcendência das "ferramentas especializadas" que se concentra sobre a totalidade relacional e portanto ambiental. Melhor situados diante da questão podemos então transitar pelas "ferramentas especializadas" de recorte do meio ambiente, contanto que estabeleça a relação dinâmica de ida e volta entre os dois planos, o ambiental e o de recorte.

Isso posto, resta a questão: Como nos situamos diante do todo relacional do meio ambiente onde "tudo está ligado a tudo" sem nos perdermos nos nossos objetivos?

Apelamos então para duas categorias fundamentais para a compreensão do mundo no seu aspecto vivencial: o TEMPO e o ESPAÇO.

Fora alguns aspectos específicos ou mais subjetivos nas conceituações de tempo, consideramos aqui o TEMPO LINEAR da nossa história e o TEMPO CÍCLICO sazonal. Esses podem ser percebidos no meio ambiente através de uma imensa gama de representações manifestadas por fenômenos históricos, naturais, socio-econômicos e culturais.

O tempo e o espaço como categorias de análise dos fenômenos naturais e sociais do meio ambiente permitem ao Observador, compreender os fenômenos através de suas interrelações e não no seu isolamento, como fazem a Ciência e a Educação tradicionais. As representações dos tempos (tempo propriamente dito e clima fora e dentro do nosso corpo), ou seja, representações do tempo no espaço vivencial, se manifestam como "Relógios" e "Calendários" naturais, ordenadores da nossa leitura do mundo.

Na relação do homem com o meio ambiente, - o ecossistema (*eco-oikos*), - através de seus fenômenos cíclicos, estão sempre presentes a vontade de saber e a necessidade desses ciclos como reguladores temporais de diversas atividades aos hábitos cotidianos, à economia e ao ritual. Esses reguladores, ou relógios e calendários naturais se configuram nas suas representações espaciais cujas manifestações estão mediadas por: movimentos de astros, acidentes geográficos, construções, esquemas corporais, e mudanças que ocorrem no meio ambiente e portanto também em nós mesmos: perceptores / observadores / participantes. Exemplos dessas últimas são: nesse nosso espaço e no tempo de aproximação do verão, o florescimento dos Flamboyants, o amadurecimento e aparecimento da manga seguido da diminuição progressiva do preço até o aumento no fim da safra. Marcadores sociais de tempo são o bronzeamento solar, em geral mais intenso após o fim de semana até que cheguem as férias, os engarrafamentos nas portas de escolas nos horários de entrada e saída (tempos sociais de alunos professores e pais). Esses engarrafamentos se dão em geral na porta de escolas de padrão econômico mais elevado (classe média para alta).

LEITURA DO MUNDO E CONTEXTO CULTURAL¹

¹ Ler a esse respeito o diálogo: Paulo Freire e Marcio D'Oliveira Campos, "Leitura da Palavra... Leitura do Mundo" in Correio da UNESCO, 19, 2, pp. 4-9, fevereiro de 1991.

Sabemos que nos processos de alfabetização, a criança e por mais forte razão o adulto, antes de proceder à leitura e escrita da palavra, já lêem o mundo no seu cotidiano através de signos, símbolos e imagens nele presentes.

Populações ágrafas também "inscrevem" seus "textos" no mundo através de seus ornamentos, utensílios e cerimoniais, estabelecendo com estes uma valiosa e eficiente forma de comunicação. Além da escrita e da fala convencionais, muitas são as formas de linguagens como por exemplo a matemática (numérica e geométrica), a corporal (gestual e expressiva fisionômica), a artística.

As leituras do mundo podem portanto procederem-se de várias formas e com várias representações, algumas coletivas e assumidas por grande parte de pessoas de uma determinada cultura, outras de caráter mais individual ligadas a aspectos de ordem emocional e à história de vida da pessoa. Em geral as leituras se revelam através evidências empíricas (fatos e fenômenos imediatamente percebidos pelos nossos sentidos) ou de indícios, dados com que em geral trabalham os detetives e os médicos ao fazerem diagnósticos. Um exemplo de indício pode ser o fenômeno 'barriga roncando' indicando para o observador que a pessoa está com fome. A esse conjunto de evidências empíricas e indícios, chamaremos simplesmente dados.

Os dados são lidos e interpretados pelo Homem que, auxiliado por suas leituras do mundo e educação prévias, lê novos dados e constrói novas representações simbólicas. As relações dinâmicas que se processam entre dados, Homem, e representações simbólicas são os componentes que caracterizam um determinado contexto local de cultura. Nesse sistema aberto local, em constante interação com contextos sócio-culturais externos, entram e saem "fluxos" de dados e representações simbólicas que representam os processos de aculturação. Um exemplo de entrada é o NORTeamento no hemisfério sul, já referido acima. Um exemplo de saída é o samba, outro importante é a Amazônia, considerada erroneamente por um jornalista estrangeiro como o "pulmão do mundo" e que simboliza muito para o mundo inteiro e para nós em primeiro lugar. Lamentavelmente algumas nações, após terem destruído suas reservas florestais no passado, nos cobram agora com impertinência a manutenção da nossa. Os símbolos são vários dependendo do referencial sócio-econômico e cultural de cada um ou de cada nação. Só os aceitaremos conscientemente se soubermos verificar se eles são adequados aos dados locais. Para isso o Ser Humano é o mediador responsável nesse processo (Figura 1).

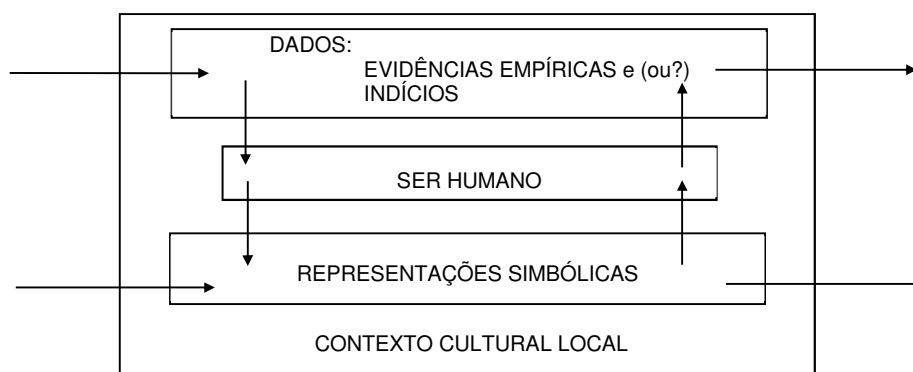


FIGURA 1

Percebe-se por essas idéias que a capacidade de leitura do mundo, aliada à consciência do referencial local (espácio-temporal e cultural) onde ela se dá é uma importante premissa para a consciência da situação histórica e para emancipação sócio-cultural e econômica de uma dada população local.